



a n a b e l a m o t a

inauguração, 11 de maio pelas 19h

A propósito da exposição *Kyaneos, de que cor é o azul*
de Anabela Mota (ISEG, Lisboa, de 11 de Maio a 3 de Junho)

É sabido que aprender o nome de uma coisa nos confere um certo poder porque podemos convocá-la independentemente da sua presença real. No entanto, também podemos afirmar que a arte nos dá a ver a instabilidade deste mecanismo, convidando-nos a perceber o desfasamento entre um signo e o que ele evoca. É um tal exercício de estranhamento da linguagem, mas também da visualidade, que Anabela Mota nos propõe com esta exposição intitulada *Kyaneos, de que cor é o azul*. Apenas a custo podemos traduzir por *azul-escuro* a palavra *kyaneos*, que nos chega da antiguidade grega e da qual deriva a palavra *ciano*, a que nomeia a tonalidade de azul que constitui uma das três cores primárias subtractivas. A dificuldade de tradução deve-se ao facto de que *kyaneos* também servia para designar tonalidades de negro e cinza, podendo descrever tanto o fundo do mar, como uma cabeleira negra ou nuvens carregadas de chuva. Surpreendentemente, à excepção dos egípcios, os povos da antiguidade não tinham uma palavra para nomear o intervalo do espectro visível a que damos o nome de azul. Quando esta ausência foi notada pela primeira vez, no século XIX, chegou-se a

acreditar que a capacidade de ver o azul fosse uma aquisição recente do nosso sistema nervoso, uma hipótese impregnada do *ethos* colonialista eurocêntrico que então se entusiasmava com a novidade da teoria evolucionista de Darwin para “explicar” a sua dita superioridade. Entretanto, afastado qualquer equívoco sobre a universalidade do nosso sistema nervoso, a linguística permitiu-nos compreender que a ausência de uma palavra equivalente ao azul se explica pelo facto de cada língua organizar e dividir o espectro das cores de diferentes maneiras consoante as suas necessidades, chegando-se à conclusão de que a ausência dessa palavra se pode explicar pela ausência de uma necessidade efectiva de prestar atenção ao azul como tal. Mas então, como foi que surgiu, entretanto, a necessidade de o convocar? Ocorre-me um pensamento: que os historiadores tenham associado o aparecimento e a vulgarização da noção de azul aos avanços tecnológicos que possibilitaram o fabrico, extremamente complexo, dos pigmentos azuis, seria insuficiente para explicar o aparecimento do azul, não houvesse, da parte dos pintores, um intenso desejo de dar a ver esta cor. E pergunto-me, pode um pintor chamar uma nova cor à existência? Não obstante estas indagações, é certo que uma cor (como tudo o resto) pode ou não existir para nós mediante a nossa disponibilidade para a perceber, que é em parte condicionada pela estrutura da linguagem que utilizamos. Desconhecemos quantas coisas habitam as margens da nossa percepção, nos entram pelos olhos sem que as vejamos, sem que sejamos capazes de as distinguir na sua singularidade. Mas também sucede, por vezes, que somos absolutamente surpreendidos por uma aparição. É uma tal intermitência, ou *cintilância* do visível (para usar uma palavra que a própria Anabela ousou chamar à existência) que as peças desta exposição nos convidam a experimentar.

Sara Belo

27 de Abril de 2022